



## RELATO

# ETNOGRAFIA PARA CONTAR HISTÓRIAS - RELATO SOBRE A IMERSÃO EM UM COLETIVO DE CERAMISTAS ARGENTINAS

Raquel Saraiva<sup>1</sup>; [raquelmsaraiva@gmail.com](mailto:raquelmsaraiva@gmail.com)  
Suzana Barbosa<sup>2</sup>; [suzana.barbosa@gmail.com](mailto:suzana.barbosa@gmail.com)

## RESUMO

Para narrar a história do coletivo Olleras Cooperativas, foram incorporadas práticas do jornalismo etnográfico. O trabalho de campo foi realizado em diferentes cenários da Argentina entre março/2019 e março/2020, nos quais foram aplicadas entrevista semiestruturada, observação participante e observação não-participante como um meio de coleta de informações sobre a rotina da cooperativa. Como resultado, foi elaborado uma narrativa que descreve o trabalho artesanal de construção de panelas pré-colombianas desenvolvido pelas ceramistas, e o contexto e sentidos compreendidos nele, além das histórias de cada uma das artesãs, situando como elas se relacionam ao coletivo e às mudanças por ele proporcionadas.

## PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo etnográfico. Relato. Cerâmica. Artesanato

Conhecer a trajetória e o perfil do artista permite identificá-lo em um contexto, além de traduzir sua natureza e seu significado ao situar os princípios e práticas que conformaram o trabalho (SCHWARCZ, 2013). Este artigo relata a experiência de aplicação do método etnográfico para desenvolvimento de um livro-reportagem sobre o grupo de ceramistas argentinas Olleras Cooperativas.

Liderado pela ceramista Adriana Martínez, o grupo Olleras Cooperativas é composto por sete ceramistas da Grande Buenos Aires (GBA), com idades entre 30 e 55 anos. O grupo está organizado e coordenado em suas tarefas,

<sup>1</sup> Mestre em Zoologia. Jornalista recém-graduada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [raquelmsaraiva@gmail.com](mailto:raquelmsaraiva@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora (2007) em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo Póscom (UFBA). Professora Associada I do Departamento de Comunicação (Jornalismo) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Investigadora e uma das líderes do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL). E-mail: [suzana.barbosa@gmail.com](mailto:suzana.barbosa@gmail.com).



planejamento e rotina. Como no trabalho de confecção, o benefício econômico da venda de cada panela é dividido entre todas, independentemente de quem a fez.

A cooperativa fabrica painelas de cerâmica de modo completamente manual no atelier localizado na cidade de Avellaneda (GBA). Com a fabricação das peças, elas buscam retomar as tradições dos povos pré-colombianos que viviam na Argentina: do modo de preparar e modelar o barro às formas e desenhos decorativos das painelas, tudo é feito com base em registros e estudos arqueológicos da cerâmica pré-colombiana. Elas se informam sobre a cerâmica pré-colombiana em visitas a museus, através de livros especializados e em conversas com especialistas.

Os processos envolvidos no trabalho da cooperativa foram resumidos em um post no Facebook no qual apresentaram uma nova integrante: “(...) nossas rodadas de terça e quinta-feira, onde conosco o barro se transforma em painelas, lugares onde a comida foi preparada, espaços de transformação transformados em nossas horas de mulheres Olleras. Bem-vinda às nossas andanças coletivas de feiras e cursos e para multiplicar a possibilidade das pessoas construir sua própria painela” (OLLERAS COOPERATIVES, 13 de agosto de 2019).

### **JORNALISMO ETNOGRÁFICO**

De acordo com Guber (2011), o enfoque etnográfico permite observar, entender e descrever os eventos nos quais estão envolvidos os sujeitos sociais a partir da perspectiva dos membros de um grupo social. Desse modo, afirma a autora, “os agentes são informantes privilegiados, porque somente eles podem dar conta do que pensam, sentem, dizem e fazem com relação aos eventos que os envolvem” (tradução nossa). A entrada do pesquisador em um campo social, onde o conhecimento é produzido, marca o início da experiência etnográfica (ALTHABE, 1999). Esta entrada é negociada com os jogadores, nesse caso, as Olleras, e é permitida com mais ou menos condições.



Hermann (2014) aponta ao menos três diferenças epistemológicas entre o jornalismo etnográfico e o jornalismo convencional: (1) a liberação do ideal de objetividade; (2) o foco em estruturas sociais substanciais, em contextualização e interpretação holística e; (3) a reprodução de valores culturais baseada na interpretação da experiência das outras pessoas, em detrimento da descrição e um observador estranho a elas. Por isso, estar por um longo período entre as pessoas igualmente afetadas pelo local é a maneira mais apropriada de apresentar uma interpretação sobre aspectos não-verbais e involuntários da experiência etnográfica (FAVRET-SAADA, 1990). Ao escolher como referência suas próprias fontes e a macroestrutura relacionada a ela, o jornalista despreza a alteridade plena do “Outro” (LAGO, 2010).

### **TRABALHO DE CAMPO**

A pesquisa foi realizada em diferentes cenários, conforme o conceito de etnografia multilocal descrito por Marcus (2011). Seguir as Olleras em seus locais de trabalho forneceu informações sobre o tipo de trabalho que elas realizam, além de permitir a compreensão das relações estabelecidas entre elas, seus produtos e os ambientes nos quais elas costumam vender suas panelas, ministrar oficinas e divulgar seu trabalho. No trabalho de campo foram aplicados os seguintes procedimentos e técnicas: entrevista etnográfica semiestruturada, observação participante e observação não-participante como um meio de coleta de dados. A análise enfatiza a rotina da cooperativa, que inclui desde a fabricação e venda de panelas até a participação em feiras de artesanato e aulas de cerâmica. A imersão foi feita entre março de 2019 e março de 2020 em feiras, cursos, no ateliê das Olleras e em uma viagem que elas fizeram à Canelos, no Equador, para aprender a cerâmica desenvolvida por uma comunidade.

O objetivo da entrevista etnográfica é “compreender as formas como o sujeito é produzido e é produzido como ator social, explica Althabe (1999). Fazer as perguntas e estabelecer uma conversa etnográfica durante a entrevista também não é simples. “Uma conversa que quer explicar algo precisa quebrar essa coisa



por meio de uma pergunta”, diz Gadamer (1999). As perguntas devem dar muitas possibilidades de resposta.

As entrevistas eram iniciadas com uma pergunta-guia que norteava a conversa, p.ex., “como você começou a participar do grupo?”, para que então o entendimento sobre o assunto pudesse ser observado. A partir da resposta dada, o tema ou opinião que o outro trouxe à discussão deve ser tomado como questionamento, num processo que Gadamer (1999) define como “pensar que é capaz de reforçar o que foi dito a partir da própria coisa” (GADAMER, 1999). Assim o entrevistado mostra o que se destaca para ele dentro de um grande contexto. E o entrevistador mostra que está realmente ouvindo e envolvido na conversa. Geralmente elas têm entre quatro e sete questões, que são tratadas individualmente como perguntas abertas e aprofundadas por perguntas específicas que são geradas no decorrer do diálogo (DUARTE, 2010).

Tentar fazer as perguntas certas também é um modo de identificar os preconceitos do entrevistador - e evitar que eles os mostrem na própria pergunta em vez de colocá-los no jogo social. Embora Duarte (2010) destaque a importância de validar e confiar nos dados obtidos, a preocupação no trabalho etnográfico é avaliar a quais os fatores recolhidos pela entrevistada, ou seja, identificar as circunstâncias, os encontros, as interações que colocam os atores em conflitos e colaborações, os agentes e o jogo entre concordância e discordância que pareciam caracterizar o enredo. A narrativa é compreendida “pelo ato de seguir uma história”, segundo Ricoeur (2006).

## **REFLEXÕES E RESULTADOS**

O tipo de relação trabalhista estabelecida pela economia horizontal tem um papel de destaque no empoderamento dos artesãos. O empoderamento como estratégia de “geração de energia para mulheres”, de acordo com Corona (2016), foi acima de tudo “um produto da experiência das organizações de mulheres no Terceiro Mundo”. Nesse contexto, a atividade artesanal constitui uma ferramenta para o desenvolvimento da autonomia das mulheres, em detrimento



das relações de dependência e subordinação nos níveis familiar e extrafamiliar (CORONA 2016, p 112 e 113).

Estar imersa entre as Olleras evidenciou algumas questões que, no jornalismo tradicional, não estariam claras. Por exemplo, eles só vendem em locais que valorizam a relação direta entre produtor e consumidor, o que reflete uma preocupação social e econômica do coletivo. Também pude conhecer e estabelecer uma relação próxima com uma integrante muito calada e tímida. Se conversássemos em um ou dois encontros, como faria no jornalismo clássico, não conseguiria as informações e impressões que ela compartilhou comigo, e nem teria notado sua transformação. Em fevereiro de 2020, dez meses depois do nosso primeiro encontro, notei que ela apresentava muito mais desenvoltura durante as aulas que dava com as Olleras. “Eu tinha dúvidas e inseguranças, tinha medo de explicar mal. Agora não fui pensando nisso. Fui super tranquila e me senti cômoda e segura de mim. Foi uma mudança”. O marco, para ela, foi a viagem ao Equador com as companheiras. Não teria notado tantas sutilezas, e tampouco teria construído relação de confiança que permitiu conversas tão francas se não tivesse estado em campo por tanto tempo.

Outro fator que se manifestou durante a imersão foi a questão da maternidade e como ela é encarada pelo coletivo. Quando a última integrante entrou nas Olleras, esse assunto virou constante nas reuniões. Ela é mãe solo, e vive com o filho em um apartamento em Buenos Aires. Trabalhando de modo cooperativo pela primeira vez, se surpreendeu com a solidariedade no grupo. Diz saber que, no dia que não puder ir à oficina por causa do filho, pode contar para as colegas que vai precisar trabalhar de casa. E se emociona ao falar disso. “É o mais importante. É cooperar entre a gente. O tempo todo elas dizem que se eu não puder ir por causa dele, que tudo bem”.

Outra Ollera, que também tem filhos pequenos, mas que compartilha os cuidados com o pai das crianças, negociou por meses sua participação no coletivo. “Fazendo parte das Olleras, tenho que ver se minhas ausências [na família] estão niveladas”. Ela pediu para ir aos encontros apenas uma vez por



semana, o que não foi aceito. Ficou definido que às quintas ela trabalharia normalmente, e às terças-feiras ela poderia sair mais cedo, às 15h.

Meses antes, outra Ollera, que não tem filhos, tinha pedido para ir só um dia à oficina, porque queria se dedicar a outras atividades profissionais. O pedido foi negado pelas companheiras. Pensar sobre o assunto deixou uma outra integrante desconfortável. “O fato de sempre entender que a outra tem família e filhos me parece um pouco injusto para quem não tem”, afirma ela, que mora sozinha e não tem filhos. “Então por que uma que tem filhos tem essa possibilidade e a outra não?”.

Esse conflito reflete a diversidade do feminismo, cujas lutas têm diferentes contextos históricos e culturais, refletindo as demandas e interesses específicos das mulheres, demandas que podem ser inclusive independentes desse contexto social, como afirmou a antropóloga Norma Fuller no trabalho **Razões e incoerências da feminilidade**. A pesquisadora ressaltou que as concepções morais da mulher estão regidas primordialmente pela atividade do cuidado, influenciadas pela construção da identidade feminina aprendida socialmente. Juli questiona por que as Olleras que são mães e avós têm condescendência para sair mais cedo, ou trabalhar por menos horas, mas uma que não tem filhos não teve a mesma oportunidade. “Não se pensa sobre isso. Quero voltar a falar sobre esse tema com o grupo. Isso é feminismo também: entender a outra companheira que não quer ter filhos, e não é por isso que ela sempre vai ter que chegar cedo ou sair tarde”. Eu mesma não havia pensado sobre o assunto até ela colocá-lo à mesa, porque, para mim, também era natural que uma mulher precisasse se ausentar para cuidar de alguém. A etnografia permitiu ver além do que poderíamos esperar.

## REFERÊNCIAS

ALTHABE, G. *Lo microsocial y la investigación antropológica de campo en: Antropología del presente*, Althabe y Schuster (comps.), Edicial, Argentina, 1999.

CORONA, B. M. *Género, empoderamiento y sustentabilidad. Una experiencia de microempresa artesanal de mujeres indígenas*. In: García, Verónica *et al.* **Género y**





**medio ambiente en México: Una antología.** Cuernavaca, Morelos : Universidad Nacional Autónoma de México, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias, 2016.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. *In*: DUARTE; BARROS. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FAVRET-SAADA, J. **Être Affecté.** En: Gradhiva (première série). Traducción: Laura Zapata y Mariela Genovesi. Revisión: Andrea Lacombe. Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie, N°8. Paris: Musée de l'Homme, pp. 3-9, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método,** 3. edição. Tradução Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GUBER, Rosana. **La etnografía. Método, campo y reflexividad.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2011. Introducción, p. 15-22.

HERMANN, Anne Kirstine. **Ethnographic journalism.** Journalism 17 (2): 260–78., 2014.

LAGO, Cláudia. **Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo.** Brazilian Journalism Research 6 (1), 156-170, 2010.

MARCUS, G. **Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal.** Alteridades, vol. 11, núm. 22, pp. 111-127. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa. Distrito Federal, México, 2001.

Olleras Cooperativas [OllerasCooperativas]. (2019, Agosto 13). Hermosa Suki , bienvenida a nuestra ronda de martes y jueves, donde con nosotras el barro se hace ollas, sitios donde se cocinaran alimentos, espacios de transformacion transformados en nuestras horas de mujeres olleras. Bienvenida a nuestras andanzas colectivas de ferias [Publicación de Facebook]. Recuperado de <<https://www.facebook.com/561841547546490/photos/a.588898078174170/814585222272120/?type=3&theater>>

RICOEUR, P. **La vida: un relato en busca de narrador,** Ágora: Papeles de Filosofía, Vol. 25, 2006.

SCHWARCZ, L. M. **Biografia como gênero e problema.** História Social (24), 51-73, 2013.